

“Eu me livraria deles”



veja BH

vejabh.com
@veja_bh
11 de setembro de 2013

Abil
Abril

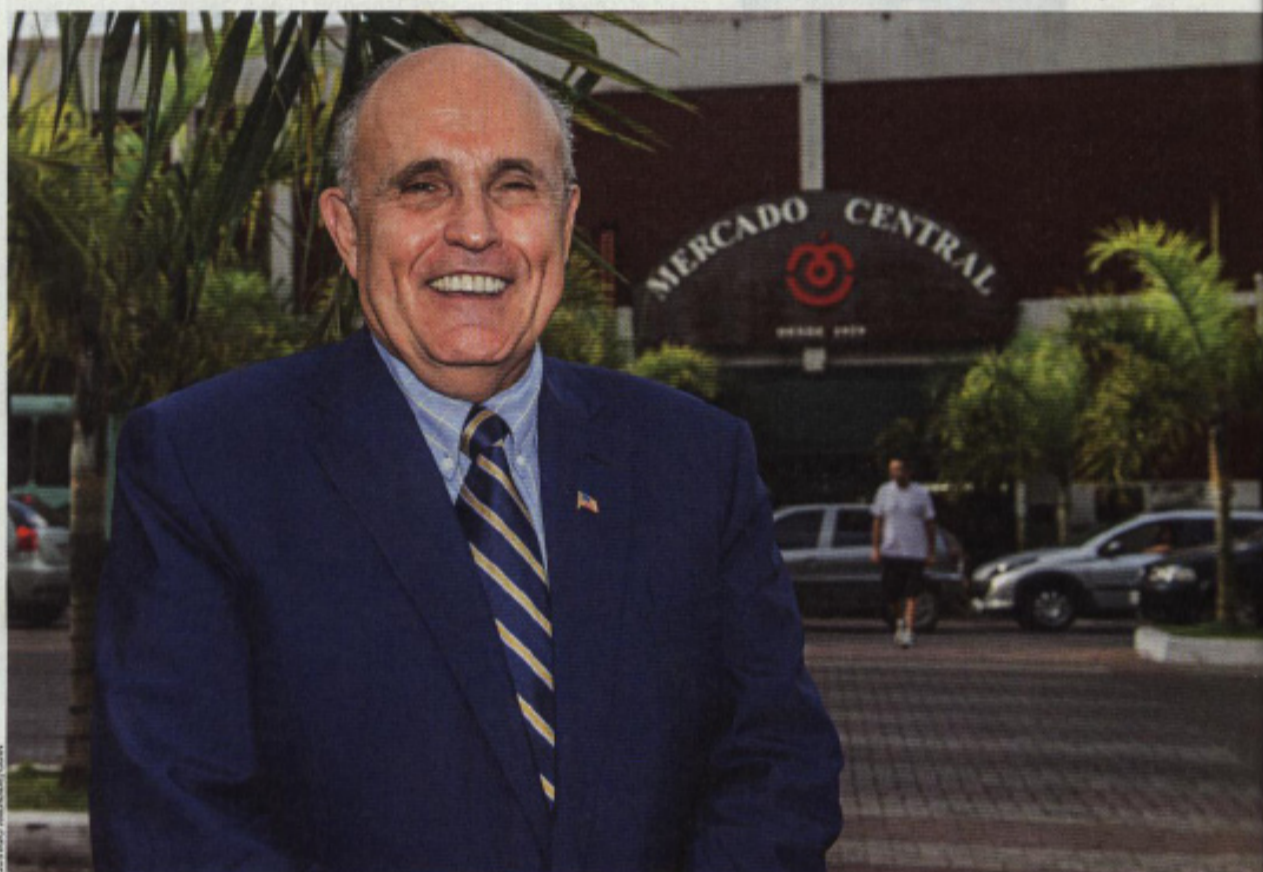
Xícara de
Café Kahlúa

O CHARME DO OURO NEGRO

- Nesta semana, Beagá sedia o encontro da Organização Internacional do Café
- Todos os dias, 11 milhões de xícaras são consumidas na cidade
- Cada vez mais, cafeterias se especializam nas versões gourmets da bebida

“Eu me livraria deles”

Segurança



CRISTIANO AMARAL/VEJA

“Eu me livraria de

Conhecido por reduzir a criminalidade em Nova York, o ex-prefeito Rudy Giuliani diz em BH que é preciso tirar das ruas flanelinhas, pichadores e pequenos traficantes

Cedê Silva

Quando Rudolph Giuliani assumiu a prefeitura de Nova York, em janeiro de 1994, a taxa de homicídios na maior metrópole dos Estados Unidos era de 26 por 100.000 habitantes. Além de uma terrível preocupação para moradores e visitantes, o elevado índice de criminalidade foi motivo de deboche em filmes e seriados americanos. No começo da década, uma edição da revista *Time* exibiu na capa o título “The rotting of the Big Apple” (o apodrecimento da Grande Maçã), em referência ao apelido da cidade. Giuliani, que não tinha experiência política e vinha de uma carreira

como promotor de Justiça, foi eleito com a promessa de fazer algo diferente dos seus antecessores. Quando ele deixou a prefeitura, em dezembro de 2001, a taxa de homicídios havia caído para sete por 100.000 habitantes — uma redução de quase 75%. Praticamente todos os outros crimes, violentos e não violentos, diminuíram em proporção semelhante. As ideias de Giuliani tornaram-se referência para cidades de todo o mundo. Na última semana, o republicano nascido no Brooklyn — que hoje percorre o planeta como palestrante — esteve em Belo Horizonte pela primeira vez para

“Eu me livraria deles”

ASITAMÉRIA

Giuliani na Avenida Augusto de Lima e um guardador de carros em ação: uma das práticas que ele não toleraria



Lições americanas

Veja a experiência do político republicano em quatro questões relacionadas ao combate à criminalidade

Estatísticas

“Se eu pudesse escolher só uma medida para o combate ao crime, seria mapeá-lo após uma coleta de dados sobre ele.”

Pichadores

“O grafite eu chamo de vandalismo. Em vez de prender, coloquei os pichadores para lavar a sujeira.”

Assaltos

“Na Times Square, pus um grupo de cavalaria com rádio e policiais à paisana a pé. Reduzimos os assaltos em 90%.”

Legislação

“Quase todos os criminosos são jovens. Mudamos a lei para poder tratar os menores como adultos.”

les”

falar de sua experiência bem-sucedida aos participantes do Congresso Internacional de Direito Penal e Criminologia. Segundo ele, em Nova York, no início dos anos 90, a polícia — que, nos EUA, é da alçada das prefeituras — concentrava-se nos grandes crimes e pensava estar ocupada demais para lidar com flanelinhas, pichadores e pequenos traficantes. “Mas o que era pequeno logo ficou grande, e você passou a ter bairros inteiros tomados pelo crime”, afirma ele.

Giuliani baseou-se na Teoria das Janelas Quebradas, desenvolvida nos anos 80 pelos professores americanos

James Wilson e George Kelling, que diz que para prevenir grandes problemas é preciso resolver os pequenos. Ou seja, trocar os vidros em um edifício ou retirar o lixo acumulado em uma calçada. O ex-prefeito trabalhou em várias frentes para pôr em prática suas ideias (confira algumas delas no quadro no alto da página), por meio de uma política que ficou conhecida como tolerância zero. Para desenhar o mapa da criminalidade em Nova York, ele realizou reuniões com os delegados e analisava as estatísticas de cada área. Com o objetivo de ganhar o apoio dos policiais, criou um sistema de recompensa por resultados. Também conseguiu mudar a lei estadual para que menores de idade que cometessem crimes graves pudessem ser tratados como adultos, entre outras medidas.

Segundo Fred Siegel, autor da biografia *The Prince of the City*, ou “o príncipe da cidade”, ainda sem tradução publicada no Brasil, um dos trunfos de Giuliani foi justamente a legislação do município aprovada em 1989, que tornou seus prefeitos imensamente poderosos. “Não temos os instrumentos jurídicos que Giuliani tinha”, afirma o secretário estadual de Defesa Social, Rômulo Ferraz. Embora admita que os mineiros possam aprender alguma coisa com a experiência do americano, ele pondera que nossa realidade é bem diferente. “Não podemos, por exemplo, manter presos os usuários de crack.” Sobre os flanelinhas — que atuam sem repressão nas ruas da cidade, muitos com registro na prefeitura —, Ferraz diz que se trata de uma “diferença cultural”. Giuliani, porém, é categórico: “Eu me livraria deles”. ■